

# MEMÓRIAS E PERFORMANCES NEGRAS EM CARNAVAIS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)<sup>1</sup>

Helen Barreto Botelho<sup>2</sup>

## RESUMO

O trabalho visa contemplar, por meio de fundamentações teóricas e fontes orais, aspectos imprescindíveis para a composição do carnaval negro do município de São Francisco do Conde/BA. Partindo de uma perspectiva analítica voltada para os sujeitos sociais, a pesquisa se debruçou sobre os três principais elementos na totalidade do denominado "carnaval cultural franciscano": o Mandú, o Capabode e o Amigo-folhagem. Sinteticamente, esses objetos em questão pertencem, de certa forma, à categoria das denominadas "performances negras", uma vez que, pelo menos na elaboração desta pesquisa, elas não seriam meramente investigadas a partir da estética (indumentárias, representações) mas sim, majoritariamente, partindo dos sujeitos (neste caso, os performers), enquanto executantes das mesmas. Desta forma, contemplando também as discussões relevantes no campo da história social e cultural, a pesquisa possui um caráter qualitativo, uma vez que os recortes da mesma (temporalidade, campo de inserção, objetivos) tendem ao uso de recursos metodológicos baseados nesta categoria em específico. Para mais, o contexto do trabalho parte, também, de uma perspectiva macro-regional (pensando no Recôncavo como um todo), a fim de estabelecer algumas relações comuns entre os espaços que seguem "costumes" semelhantes daqueles embutidos no universo cultural franciscano.

**Palavras-chave:** carnaval - São Francisco do Conde (BA); cultura afro-brasileira.

## ABSTRACT

This work aims to contemplate, through theoretical and oral sources, the essential aspects for the composition of the black carnival in the municipality of São Francisco do Conde/BA. Starting from an analytical perspective designed for social subjects, the research focuses on three main important elements in the totality of the so-called "Franciscan cultural carnival": the Mandú, the Capabode and the Amigo-folhagem. Synthetically, these objects in question belong, in a way, to the category of so-called "black performances", since, at least in the elaboration of this work, they are not merely being investigated from the aesthetic point of view (clothes, representations); but rather, mostly, starting from the subjects (in this case, the performers) as executors of them. In this way, also contemplating the relevant issues in the field of social and cultural history, the research has a qualitative character, since the cuts of the same (temporality, field of insertion, objectives) tend to the use of methodological resources based on this category in particular. Furthermore, the context of the work also starts from a macro perspective (thinking of the Recôncavo as a whole), in order to establish some common relations between spaces that follow "customs" similar to those embedded in the Franciscan cultural universe.

**Keywords:** Afro-Brazilian culture; carnival - São Francisco do Conde (BA).

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Lúcio Matos Silva.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e graduanda em História pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo principal apresentar os sentidos políticos delegados pelos sujeitos negros através das performances<sup>3</sup> carnavalescas Mandu, Capabode e Amigo-Folhagem na cidade de São Francisco do Conde no período pós-abolição<sup>4</sup>. Com base nessa linha de raciocínio, deduz-se que as pesquisas/conclusões feitas aqui, no intuito de encontrar fundamentações e compartilhá-las com quem estuda sobre temas neste âmbito, serão creditadas em futuros trabalhos acadêmicos, além de propor (sobretudo, tratando-se desta universidade, especificamente) uma possível interação entre os franciscanos e os membros da instituição, no que diz respeito às participações em possíveis eventos e cursos da temática, no geral.

O município de São Francisco do Conde – atualmente, localizado no que ficou definido como “Região Metropolitana de Salvador” – possui certa “fama” em relação aos aspectos culturais (performances e festejos, mais especificamente) popularmente formados no seu íntimo. Em contrapartida, analisar a localidade enquanto, também, parte do Recôncavo faz-se essencial no entendimento acerca das dinâmicas culturais comumente sintonizadas e conectadas a outras localidades próximas.

Assim, os calendários festivos das regiões que compõem o Recôncavo não são tão diferentes entre eles. O que muda, geralmente, é a existência de um festejo específico pertencente à localidade na qual este está inserido (como acontece, por exemplo, em Cachoeira com a Festa da Boa Morte). Entretanto, embora existam essas particularidades, todos os calendários seguem modelo instituído, historicamente, pela igreja católica.

## 2 OS FESTEJOS FRANCISCANOS E O CARNAVAL CULTURAL

Em São Francisco do Conde, particularmente, os festejos do ano se iniciam com a denominada “Festa de Reis”, no dia 06 de Janeiro. Porém, segundo alguns moradores e à Santo (1998), até certa ocasião, a primeira festividade anual era o da “Festa de São Bento” – ou comumente conhecida como “Festa de Corrida das Canoas” – na qual participavam outras

---

<sup>3</sup> Lembrando que as discussões mais aprofundadas sobre “performances” estarão presentes em novas versões já previstas do trabalho. Tendo em vista a amplitude do termo, é necessário um estudo minucioso para atribuir ao mesmo informações precisas sobre o valor deste no artigo.

<sup>4</sup> O intuito em trazer o pós-abolição nos debates presentes aqui está de acordo com o ponto de vista da memória enquanto objeto importante para as fundamentações das entrevistas e das narrativas apresentadas.

regiões próximas (principalmente, ligadas ao município pelo mar) e acontecia, também, a festa de Iemanjá (tudo no dia 01 de Janeiro).

**Quadro 1** - Calendário festivo de São Francisco do Conde no final do século XX

<p><b>JANEIRO</b></p> <p>01/01 – Festa de São Bento</p> <p>06/01 – Festa de Reis</p> <p>28/01- Festa de São Gonçalo (padroeiro da cidade) e Nossa senhora da Conceição (no Engenho de Baixo)</p>	<p><b>FEVEREIRO</b></p> <p>02/02 – Festa de Nossa Senhora do Monte</p> <p>*/02 – Festejo de Nossa Senhora da Piedade (distrito do Madrugá)</p> <p>*/02 – Carnaval (segundo o calendário católico)</p>	<p><b>MARÇO</b></p> <p>30/03 – Festejo de elevação da categoria do município à cidade</p>
<p><b>ABRIL</b></p> <p>X</p>	<p><b>MAIO</b></p> <p>X</p>	<p><b>JUNHO</b></p> <p>01/06 à 13/06 – Festejos a Santo Antônio</p> <p>23 e 24/06 – São João</p> <p>29/06 – São Pedro e festejo aos heróis na luta pela Ind. da Bahia</p> <p>30/06 – Cortejo a Cabocla (com a chegada do fogo simbólico)</p>
<p><b>JULHO</b></p> <p>02/07 – Santa Mazorra (Esmola Cantada)</p>	<p><b>AGOSTO</b></p> <p>16/08 – Festa e São Roque (Distrito do Macaco)</p>	<p><b>SETEMBRO</b></p> <p>08/09 – Festejo à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Distrito do Socorro)</p> <p>*/09 – Devoção à São Roque (Ilha do Paty, no último sábado do mês)</p>
<p><b>OUTUBRO</b></p> <p>04/10 – Festejo à São Francisco de Assis</p>	<p><b>NOVEMBRO</b></p> <p>*/11 -Festejo à Nossa Senhora de Fátima (Comunidade de Campinas)</p>	<p><b>DEZEMBRO</b></p> <p>08/12 – Festejo à Nossa Senhora da Conceição da Praia (comemorado na Sede, Caípe e Santo Estevão)</p>

Fonte: adaptado dos apontamentos de Santo (1998) e pesquisas em sites do Recôncavo.

Seguindo esta “linearidade” festiva, o carnaval seria o sexto festejo do calendário anual da localidade. De certa forma, mesmo que a consolidação da data siga os preceitos da igreja, a “configuração” atual do carnaval de São Francisco do Conde é composta por festejos anteriores ao da festa em questão. No Carnaval Cultural do ano de 2020, por exemplo, as comemorações se iniciaram no dia 18 de fevereiro com o determinado “grito de carnaval”.

**Quadro 2** - Programação do Carnaval Cultural 2020 (de 18 à 26 de fevereiro)

TEMA DA EDIÇÃO: “A TRADIÇÃO DE SE TRANSFORMAR E BRINCAR”

<b>TERÇA-FEIRA (18/02)</b> Grito de carnaval com a charanga <i>Abre-Alas</i> ”	<b>QUARTA-FEIRA (19/02)</b> Concurso de rainha, princesa e rei momo
<b>QUINTA-FEIRA (20/02)</b> Bagunça da Cubamba	<b>SÁBADO (22/02)</b> Início da festa com bandas no trio elétrico

Fonte: elaborado pela autora a partir de participações em eventos da edição.

Embora haja particularidade em detrimento do calendário carnavalesco atualmente, volto a enfatizar que o mesmo ainda segue o viés comum (na esfera mundial) do “adeus à carne”, abordado por Ferreira (2005). Segundo este pesquisador, um dos primeiros significados da expressão “carnaval” estava relacionado ao calendário católico e, com isso, aos dias anteriores ao período da quaresma (por sua vez, marcado pela restrição de muitos elementos da vida cotidiana). O “adeus à carne”, neste sentido, era caracterizado enquanto momento de “despedida momentânea” da rotina comum, sem imposições de regras severas.

Particularmente, tratando-se do Carnaval Baiano do século XX (sendo Salvador o polo principal), Ickes (2013) relata sobre o enfraquecimento de uma festa moldada a partir dos elementos da elite europeia (carros alegóricos, trajes de tecidos específicos, etc) em função de um carnaval mais cultural (muito semelhante ao Entrudo), que começava a surgir com grande força no local, ganhando grande notoriedade por meio dos foliões não-pertencentes às classes ditas “superiores”.

Com base nesses apontamentos, a perspectiva de “festejos” (neste caso, de “carnavais”) enquanto “espaços de conflitos” se torna necessariamente plausível. Além disso, ambos estudiosos carregam, nas suas obras, o aspecto “transmutável” da esfera festiva, partindo de um viés contínuo dos fatos; isto é, independentemente do caráter narrativamente promissor do que foi (e, de fato, é o Carnaval), o mesmo deve ser também analisado enquanto espaço de resistências, conflitos e, inclusive, repressões, assim como qualquer outra festividade perduradamente “viva”.

Nesse sentido, pensar no espaço festivo é, também, ressignificá-lo enquanto “lugar de memória” (Castro, p. 20, 2014), sejam elas coletivas ou individuais. Pinho (2004), por exemplo, defende a ideia de que muitos grupos de performers estão, sobretudo, interessados no ato de vivenciar o exercício da performance; mas que, igualmente, a necessidade de busca por um

sentido lógico desta ação de “exercitá-la” se faz bastante presente no imaginário dos mesmos.<sup>5</sup> Assim, além de contribuírem para essa resignificação, os performers adotam uma nova visão de mundo (onde questões políticas, sociais e raciais estão envolvidas) perante à própria “função” deles como tais. Isto é interessante de ser observado, pois, um dos performers franciscanos do Mandú (numa entrevista feita para esta pesquisa) relata que, após tantos anos “brincando” no carnaval, o seu próprio interesse em aprender sobre o personagem só aumentou. Além disso, conta sobre algumas pesquisas já iniciadas por ele e que, a partir delas, obteve conhecimento da relação entre o Mandú e o continente africano.

Partindo dessa ideia de que um performer, por si só, já é um ser particular, conhecedor de muitos aspectos e, inclusive, “peça” principal para a mutabilidade do mundo cultural. Neste sentido, Coelho (2008), levando em conta a particularidade africana, estabelece dois conceitos – o de “Matriz” e o de “Motriz” – importantes para se pensar sobre a dinâmica do corpo humano em meio a essas questões. Para o mesmo, enquanto a “matriz cultural” tem um sentido mais voltado à origem (logo, ao passado, ao imutável), o sentido de “motrizes culturais” (no plural) diz respeito à resignificação dos elementos africanos na diáspora (o que acarreta, de certa forma, no dinamismo entre diferentes núcleos sociais). Sendo assim, atribuir às performances culturais um papel importante nessa “ressignificação” – já que a mesma se torna uma das formas mais eficazes de fomentação dessa movimentação na diáspora – é, ao mesmo tempo, sustentar que os aspectos de “tempo” e “espaço” influenciam na adequação e inadequação de elementos ditos “tradicionais” – ou melhor, “elementos da matriz”.

Partindo desse diálogo, a ideia de introduzir as memórias no contexto carnavalesco de São Francisco do Conde vem de acordo com as discussões em torno da tal “ressignificação” (que, por sua vez, perpassa antes pelo processo de significação). Tratando de um período um pouco antes da abolição, é comum ver em pesquisas escritas por Martha Abreu e Matthias Assunção (2018) vestígios acerca de movimentações culturais e carnavalescas feitas por escravos antes mesmo do “movimento”, assim como também é possível encontrar discussões do tipo em trabalhos feitos por Eric Brasil (2018) na realidade de Trinidad.

É nessa linha de pensamento que essas memórias se inserem, pois tratar de fatos considerados distantes dos dias atuais sem consultá-las (e, ainda, analisar esses acontecimentos pelas perspectivas dos “sujeitos excluídos” da história) se tornaria uma atividade difícil para o historiador. Basicamente, essas tais “memórias” seriam fatos que, mesmo tendo acontecido em

---

<sup>5</sup> Um aspecto interessante no ato de “visitar” as denominadas “memórias do cativo” é a resignificação feita a partir dele. Ter noção das complexidades por trás de um contexto marcado por violências de todos os tipos e “transformarem-as” em performance é ainda, conforme traz Fraga Filho (2010), uma forma de resistência.

contextos conflituosos de repressão e luta, foram passados de diversas formas para as gerações mais novas. Conforme é tratado por Mattos e Abreu (2017), pensar a propagação dessas “memória” enquanto ferramenta de resistência (mesmo com todas as adaptações e modificações que elas passam com o tempo) seria um viés interessante. Para mais, trazê-las no sentido de hoje “readaptar” alguns hábitos/situações/modos de fazer dos momentos mais marcantes intrínsecos nessas memórias contribui para os registros (físicos e não-físicos) que hoje estão representados em grupos culturais ou religiosos, por exemplo.

Assim, dentre essas perspectivas, uma pontuação relevante para se pensar os grupos culturais nesta dinâmica é a de Canclini (1997). O mesmo acredita que analisar as associações enquanto objetos que estão inseridos em uma dinâmica de conflitos/trocas constantes é também reconhecer a cultura como “espaço de movimento”. Ademais, esse é um dos meios em que a cultura dita “popular” ganha, historicamente, a sua notoriedade em meio a uma já estabelecida (cultura padrão/erudita). Com isso, é no viés dessa cultura popular (posteriormente, com as novas adaptações, considerada “cultura popular negra”) que as performances negras do carnaval de São Francisco do Conde estão inseridas.

### **3 O CAPABODE, O MANDÚ E O AMIGO-FOLHAGEM**

Tendo em vista o contexto histórico que insere São Francisco do Conde enquanto município de população majoritariamente negra (conforme designado pelo censo do IBGE), a grande maioria das performances culturais do local apresentam características que remetem ao passado escravista baiano. Partindo disso, muitas delas expressam (seja pela indumentária, pela performance ou até mesmo pela narrativa contada) as formas de resistência, em todos os sentidos, criadas pela população negra nesse longo período da história.

O capabode, por exemplo, é uma performance cultural na qual a narrativa está atrelada aos negros de tronco linguístico *Bantu*, conforme Santo (1998) informa. Nesse sentido, boa parte desse povo tinha grande apreço por rituais religiosos e, no período imperial baiano, utilizavam animais para realizá-los. A nomenclatura "capabode", segundo Joviniano (2014) deriva do hábito que esses negros escravizados possuíam de ter o bode como animal favorito nesses momentos. Um dos rituais mais importantes para os mesmos era o de retirar os testículos do animal para realizar sacrifícios.

**Foto 1 - Capabode**

Foto: Helen Botelho (2019).

Nesse viés, o Mandú possui diversas narrativas voltadas às religiões de matrizes africanas; e, inclusive, uma delas (e a mais conhecida) está relacionada à figura de *Iemanjá*, porém há quem acredite na possibilidade do mesmo fazer referência aos *egunguns* por conta da indumentária. Esse personagem é bem popular nas regiões do Recôncavo e cada uma delas o apresenta em festividades diferentes pelas ruas das cidades. Por isso, é comum escutar dos moradores dessas regiões que a expressão “Mandú” é comumente utilizada para nomear pessoas consideradas *feias* e *chatas*. Conforme explicam Ferreira e Martinez: “a roupa do Mandú é composta por um cabo de vassoura amarrado na cintura de uma pessoa, revestido por um paletó velho, um lençol amarrado pela cintura que vai até a cabeça formando um grande crânio -, além de anáguas e uma peneira”. (2010, p.1072)

**Foto 2 - Mandú**

Foto: Helen Botelho (2019).

Já o personagem do Amigo-folhagem parte da narrativa de um ato de resistência negra corriqueiro no período escravista: as fugas dos negros escravizados para os quilombos. A performance é bastante complexa, uma vez que, durante o percurso dos desfiles nas ruas, os performers ficam vestidos com folhagens (mais precisamente, de bananeira e plantas da região) cobrindo todo o corpo e deixam somente algumas brechinhas, onde só é possível visualizar os olhos e os braços dos mesmos. A melhor definição para compreender o personagem seria pensar no mesmo, segundo Santo (2006), com a característica física de “moita ambulante”.

**Foto 4 - Amigo-folhagem**



Foto: Helen Botelho (2019).

#### **4 DIÁLOGOS COM OS PERFORMERS FRANCISCANOS**

Discutir sobre o contexto cultural de São Francisco do Conde, assim como do Recôncavo no geral, continua sendo uma tarefa desafiadora em vários aspectos. Um dos desafios do pesquisador franciscano do ramo da cultura é lidar com a escassez de informações para que haja uma compreensão total dos acontecimentos anteriores. Deste modo, ainda que existam atualmente muitos materiais (acadêmicos ou não) sobre esses temas, a utilização das informações fornecidas oralmente foram de suma importância.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Dialogando um pouco com o que trata DELGADO (2003), as memórias individuais e coletivas trazidas pelos performers franciscanos fundamentam as diversas narrativas presentes neste artigo. Através das junções destas, é possível notar a construção de uma história nitidamente voltada a um tempo distante (pensando no contexto de uma linearidade temporal) e que remete aos ancestrais diretos dos envolvidos.

Assim, os diálogos estabelecidos com os franciscanos pelas performances partem deste princípio. A necessidade pela busca das informações riquíssimas presentes neste artigo permitiram que a entrevista fosse utilizada como ferramenta aliada. Além disso, como o objetivo principal está voltado aos sujeitos, este método possibilitou um aprofundamento maior das questões relacionadas não só aos objetos em si, mas também à historicidade por trás das narrativas escutadas<sup>7</sup>.

Dentre as primeiras temáticas pesquisadas, o carnaval se inclui como questão central. Foi através dos postulados de Ferreira (2003) e de Thompson (1998) que o impulso inicial para o desenvolvimento de novos métodos se fortaleceu, pois os trabalhos destes autores estão centrados numa perspectiva dos sujeitos em relação às festividades (isto é, “o ser quem faz a festa, o movimento”). Além disso, os dois trazem uma ideia de que os conflitos são inerentes ao exercício cultural em que os sujeitos (no plural) estão envolvidos. Com base nessas fundamentações, o objetivo de estabelecer conversações e criar questionários para entrevistas semiestruturadas, com os sujeitos dos quais o projeto se debruça, fez mais sentido.

**Foto 5** - “Seu Flor” e seu sobrinho; ambos performers do Mandú.



Foto: Helen Botelho (2019).

---

<sup>7</sup> As decupagens das entrevistas citadas estão no apêndice (pag 12). Além disso, esses momentos foram registrados em 2019 e não ocorreu a continuidade neste formato nos anos seguintes devido à perda de alguns performers e à pandemia.

**Foto 6** - “Seu Boiá”, performer do capabode, com os camarões defumados



Foto: Helen Botelho (2019).

## 5 AS PERFORMANCES NEGRAS E O CARNAVAL CULTURAL ATUALMENTE

Em referência aos apontamentos anteriores, é relevante destacar, também, a questão do desaparecimento de alguns grupos e, da mesma forma, aparecimento de outros. No Carnaval Cultural da edição de 2019, por exemplo, a presença de diferentes grupos de Capabodes foi o destaque (uma vez que, particularmente, eu não recordava da existência de tantos). Ainda, foi possível notar a desenvoltura de um pequeno grupo (formado pela junção de Amigos-folhagem e Meninos-de-Lama), aparentemente formado pela prefeitura para a ocasião, e dois grupos de Mandús (sendo o mais populoso o liderado pelo senhor Florisvaldo)

Essas observações feitas não possuem como funcionalidade narrar os acontecimentos de uma edição específica do Carnaval Cultural. Sobretudo, elas são notoriamente importantes para o desenvolvimento do objetivo principal deste trabalho que, por sua vez, se concentra na ideia dos sentidos das práticas imaginadas pelos performers. Por que ocorreu um acréscimo considerável no número de grupos de Capabodes? Por qual razão os performers desfilam em associação à prefeitura municipal? Até que ponto os performers possuem autonomia em função do que exercem? Estes são só alguns questionamentos.

O fato é que, pensando no performer enquanto ser dotado de particularidades – conforme Coelho (2008) afirma –, tanto os sentidos socioeconômicos quanto os de ancestralidade estão embutidos na esfera do Carnaval Cultural hoje instituído na região. Como o próprio Chartier (1995) delega, pensar numa “Cultura Bifurcada” – trazendo à tona o termo de Larence W. Levine – é de grande valia, sendo que existem interesses e conflitos entre as partes (neste caso, grupos performáticos e prefeitura). Ainda assim, conforme o mesmo, os elementos pertencentes a um determinado núcleo social só ganham sentido a partir das significações apresentadas pelos

próprios seres que compõem esse núcleo, levando em conta os atributos particulares e plurais perante às perspectivas apresentadas.

Sem equivalência às explicações feitas por Chartier acerca da esfera popular no âmbito cultural, Hall (2003) apresenta algumas notas em razão do estabelecimento do que é considerado enquanto “popular” hoje. Em meio às explicações edificadas sobre a ideia do “popular” enquanto “campo de batalhas”, Hall busca pensá-lo também como “local de resistências”, tanto em função da interferência de fatores externos (neste caso, inclusive, da indústria de turismo) quanto em relação aos eventos de tempo e espaço. Ainda que considere, de certa forma, a ideia de uma “Cultura Popular” singular (em função da influência de outras na sua composição), Hall também defende o fato da mesma não ser genérica, sendo que, no núcleo dela, existem particularidades (inclusive, raciais).

Apesar dessas questões direcionadas ao sentido teórico do termo, esses estudiosos analisam a cultura popular a partir da ideia de “povo” conforme “unidade social” (pensando, principalmente, não aspectos socioeconômicos e raciais). Mais uma vez, a visão retorna aos seres sociais como elementos principais para a recriação do núcleo popular. Se no caso dos performers franciscanos as considerações sociais (voltadas a ideia de uma “história vista de baixo”) parecem ser plausíveis, na mesma medida os apontamentos metodológicos desta são relevantes. Para tal, as influências dos estudos sobre os temas “saber local”, “ancestralidade” e “oralidade” devem estar totalmente envolvidos no campo da história, pois, como também propõe Portelli (2016), uma das tarefas do historiador deste campo é reconhecer as ferramentas necessárias para o tratamento das memórias estabelecidas pelos seres que cedem informações (neste sentido, os performers) no estabelecimento de novas fontes.

**Fotos 7 e 8** - Carnaval cultural de 2020; respectivamente, “A burrinha”, “as caretas” e “os capabodes”



Fotos: Helen Botelho (2019).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os trabalhos de pesquisadores envolvidos (alguns deles de forma minoritária) nas questões culturais do Recôncavo - Dentre eles, José Jorge do Espírito Santo (1998), Fabrício Sena (2016), Ayrson Heráclito e Violeta Martinez (2010) e Luís Vitor Castro Júnior (2014) -, as figuras dos três elementos centrais da pesquisa (o Capabode, o Mandú e o Amigo-folhagem) aparecem. Ainda que de maneira notoriamente narrativa, esses três objetos (nesses estudos) são destacados pelas suas consideráveis características de enquadramento nos quesitos referidos ao grupo das performances negras como um todo.

Partindo dessa premissa, estudiosas como Heloisa Marques e Rosa de Lima (2017) estabelecem requisitos interessantes para se pensar em um possível conceito do termo, numa perspectiva que vai muito além da esteticidade (representação) e de uma afirmação social/racial implícita nesta categoria, levando em conta, também, os sujeitos (performers) enquanto atuantes dos grupos culturalmente populares. Foi com base nesta perspectiva do termo “performance” que a recriação do que seria um “caderno de campo” (formalmente instituído) foi suplantado pela ideia de “objeto rememorador” do pesquisador a partir de elementos audiovisuais (fotos, vídeos). Esta atividade dialoga bastante com a ideia de Portelli (2016) sobre o conceito de “fonte oral”. Conforme o mesmo, uma fonte deve passar pelo processo de tratamento feito pelo historiador, utilizando de métodos instituídos por ele. Ainda que de maneira mais simples, essa foi a proposta da incorporação dos elementos audiovisuais em detrimento do caderno de campo ou algo do gênero.

Tendo em vista todas essas discussões, uma possibilidade importante de ser refletida dentro dos temas tratados está relacionada à inclusão destes nos currículos das instituições de ensino público. De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para as turmas de ensino médio se torna uma competência “Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço”. (Brasil, 2018, p.560). Assim, trazer conteúdos sobre a história local (sobretudo, tratando dos aspectos culturais e históricos da região) para a sala de aula, levando em consideração as particularidades das realidades abordadas, é uma proposta interessante e necessária, uma vez que atualmente há uma flexibilidade no sentido das adaptações curriculares e no próprio campo da história (isto é, pensando nas novas formas de fazer e nas novas fontes/ferramentas utilizadas pelos historiadores).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, M.; SOIHET, R. (Orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 83-102.
- ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920. In: CARVALHO, José Murilo de. (org.) **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ASSUNÇÃO, Matthias; ABREU, Martha. Da cultura popular à cultura negra. In: **Cultura Negra: Festas, Carnavais e Patrimônios Negros**. Martha Abreu. It al. (Org). EDUFF: Rio de Janeiro, 2018. P. 15-28.
- BARICKMAN, B. J. Até a véspera: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo Baiano (1850-1881). **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n.21-22, p.177-238, 1998-1999.
- BARROS, J. A. (2004). Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, 16,17-35
- BLOCH, Marc. O passado e "presente". In: **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Eric. Abolição e Carnaval: performance e experiência social negra em Trinidad (cc. 1790-1850). **Revista De Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, 12(3), 204-227. <https://doi.org/10.21057/repamv12n3.2018.30939>.
- BRASIL, Eric. Carnaval como direito: A Revolta Canboulay de 1881, em Porto de Espanha, Trinidad. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, 0/0, pp. 48-77, 2016b.
- CASTRO, Luís Victor Júnior (Org). **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, n.16, p. 179-192, 1995.
- CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. FESTAS CULTURAIS: Tradição, comidas e celebrações. Artigo apresentado no **I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA**. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.
- COELHO, J. L. L. O conceito de “Motrizes Culturais” aplicados às práticas performáticas de origem africanas na diáspora americana. In: **V Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Cênicas**, V. 09, n.1, 2008, Belo Horizonte.
- DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n. 6, p.9-25, 2003.

FERREIRA, Ayrson Heráclito Novato; MARTINEZ, Violeta. Grupo Mandú Performanceart: uma experiência de intercâmbios estéticos. Cachoeira: **19o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”**, 2010, p.1068 – 1080.

FERREIRA, Fabrício de Sena. **Marcas e reconfigurações do território de São Francisco do Conde (séculos XVI-. XIX)** / Fabricio de Sena Ferreira. - 2016. 50 f.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Ediouro: Rio de Janeiro, p.424, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FRAGA FILHO, Walter. Os 13 de maio e as celebrações da liberdade, Bahia, 1888-1893. In: **História Social**, n. 19, segundo semestre de 2010.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 1990). **Saeculum**, n. 14, p. 183-198, jan.-jun. 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ICKES, Scott. Era das Batucadas: O carnaval baiano nas décadas de 1930 e 1948. **Afro-ásia** (online). n. 47, p. 1999-238, 2013.

IROBI, E. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. in **Projeto História** (São Paulo: EDUC) No 44, 2012.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**, São Paulo, n.22, p.80, 2001.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (orgs.). **Escravidão, pós-abolição e a política da memória**. Passados presentes. Rio de Janeiro: Laboratório de História Oral e Imagem, Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), 2005-2011.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. **Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação**. Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299778862\\_ARQUIVO\\_anpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299778862_ARQUIVO_anpuh2011.pdf); Acesso em 09 de maio de 2017, p. 9.

MENDES, Claudinei Magno Magre. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 33, n. 2, p. 205-209, 2011

## APÊNDICE

### Decupagem das entrevistas

#### Decupagem (número 1)

**Título:** Entrevista com “Seu Flor”, performer responsável pelo Mandú no município

**Nome do (a) entrevistado (a) e idade:** Florisvaldo Plácido de Santana Filho (73 anos)

**Data da entrevista:** 07 de fevereiro de 2019

**Materiais utilizados:** Câmera, gravador e caderneta

**Tempo total:** 1 hora

#### Trechos importantes

**Início:** 00:56 (cinquenta e seis segundos)

**Final:** 01: 25 (um minuto e vinte e cinco segundos)

**TAG:** “Mandú performer”

**Comentário:** Neste trecho, o senhor Florisvaldo conta (rapidamente) sobre o início da sua trajetória enquanto performer do Mandú. Vale ressaltar que, neste momento, houve um descuido de comunicação entre nós dois e ele interpretou a pergunta de maneira “equivocada”; porém, fez todo o sentido depois.

**Transcrição:** “Eu, desde quando eu vi na minha infância, eu me entusiasmei com o Mandú. Tinha muito medo, porque meus avós (de antigamente), os meus antigos, eram quem saía com esse troço. Eu aí fui procurando capricho e tal, quando acabou meu medo (lá pruns dezessete/dezoito anos), aí eu comecei a sair. Aí fui criando vontade e tô até hoje.

**Início:** 01:28 (um minuto e vinte e oito segundos)

**Final:** 01:45 (um minuto e quarenta e cinco segundos)

**TAG:** “legado familiar”

**Comentário:** Neste trecho, o performer fala sobre as continuidades da performance e cita a prefeitura como fator importante nesse processo também.

**Transcrição:** “Eu sou cadastrado na prefeitura e todo o acento de cultura que tem aqui na prefeitura, época de carnaval, o grupo vai”

---

**Início:** 02:01 (dois minutos e um segundo)

**Final:** 02:09 (dois minutos e nove segundos)

**TAG:** “apresentações”

**Comentário:** Florisvaldo fala, muito rápido, à respeito dos convites que fazem ao grupo. Segundo o mesmo, esses “convites” são feitos com uma proposta sem remuneração, o que, para ele e o grupo, “nesses momentos fica difícil”.

---

**Início:** 06:40 (seis minutos e quarenta)

**Final:** 07:37 (sete minutos e trinta e sete)

**TAG:** “Carnaval Cultural 2019”

**Comentário:** O performers explica sobre os acordos feitos entre o grupo e a secretaria de cultura no carnaval cultural 2019.

**Transcrição:** “Este ano vai ter [...] Já me chamaram lá para conversar pra ver o que precisa. Eu disse: tô precisando de 10 paletó e 10 peneira. Ela me disse... A menina da secretaria de cultura perguntou: a quantidade é essa?; Eu: não! É umas vinte unidade... Se você puder trazer tudo, cê traz.”

**[Pesquisador]:** “E quantas pessoas são?”

**Entrevistado:** “Sai dez, sai cinco, sai oito... Sai os vinte, porque todo mundo trabalha... Tem gente que trabalha em firma que não tem direito à carnaval; tem gente que trabalha na segurança que vai trabalhar no carnaval de segurança... Eu sou um pescador; toda hora tô aqui”

---

**Início:** 07:40 (sete minutos e quarenta segundos)

**Final:** 08:43 (oito minutos e quarenta e três segundos)

**TAG:** “Dinâmica grupal”

**Comentário:** Florisvaldo fala sobre a organização do grupo, mais especificamente do fator “faixa etária” dos performers envolvidos na performance. O mesmo alega que veste todo mundo.

---

**Início:** 08:46 (oito minutos e quarenta e seis segundos)

**Final:** 09:00 (nove minutos)

**TAG:** “carnavais atuais”

**Comentário:** “Seu Flor” fala sobre a possível “desvalorização” da performance, como alguns moradores alegam

**Transcrição:** “Agora tá mais valorizado ainda, porque o pessoal procura... No carnaval, quando não vê Mandú, só faz dizer que não presta... Eu canso de ver bocado falar isso”.

**Início:** 09:01(nove minutos e um segundo)

**Final:** 09:24 (nove minutos e vinte e quatro segundos)

**TAG:** “Organização da performance”

**Comentário:** **O performer fala sobre as conhecidas “saídas pelas ruas” e como funciona essa dinâmica nos dias de carnaval**

**Transcrição:** “A gente só sai mesmo dois dia...Porque o gasto é muito... Mas a gente não guenta ficar dentro dessa roupa [...] Quando a gente sai daqui, que a gente se veste aqui, onde é que a gente vai? Atrás do posto de Brito! Senta todo mundo lá, tira a roupa, e fica todo mundo lá a vontade, dando o tempo, até umas três e meia pra gente vir pra cá pra baixo”

**Início:** 09:37 (nove minutos e trinta e sete)

**Final:** 10:13 (dez minutos e treze segundos)

**TAG:** “Lembranças do carnaval”

**Comentário:** “Seu Flor” lembra de momentos icônicos com base nas suas vivências vestido de Mandú nos carnavais

**Transcrição:** “Eu tô no carnaval, é gostoso demais! O povo parece que nunca viu... E o povo daqui mesmo, daqui de dentro, fica admirando quando vê o Mandú... Os menino, coitado, pequenininho: ô mãe! É vem, mãe! É vem o Mandú! [...] É bom! Agora... A melhor participação que a gente teve aqui foi lá ne Salvador, no Parque de Exposições”

**[Pesquisador]:** Foi? Carnaval também?”

**Entrevistado:** “Não! Apresentação cultural”

**Decupagem (número 2)**

**Título:** Entrevista com “Seu Boiá”, um dos performers de um grupo de capabodes do município

**Nome do (a) entrevistado (a) e idade:** Carlos Antônio de Jesus Cardoso (68 anos)

**Data da entrevista:** 08 de fevereiro de 2019

**Materiais utilizados:** Câmera, gravador e caderneta

**Tempo total:** 30 minutos

### **Trechos importantes**

**Início:** 01:25 (um minuto e vinte e cinco segundos)

**Final:** 01:57 (um minuto e cinquenta e sete)

**TAG:** “memórias”

**Comentário:** Neste momento, “Seu Bóia” conta a história que ele conhece sobre o Capabode, levando em consideração o lugar no qual o mesmo está situado.

**Transcrição:** “O Capabode deve ter mais de cem anos [...] O Capabode e o Mandú tem mais de cem anos; porque sessenta e oito eu tenho. Já tem gente que já foi mais velho aí... Finado Nadinho (...) Aí pronto! Muita gente mais velha que a gente já saiu”.

**Início:** 02:03 (dois minutos e três segundos)

**Final:** 02:30 (dois minutos e trinta segundos)

**TAG:** “infância”

**Comentário:** Nesta parte, “Seu Bóia” relembra das performances do Capabode na sua infância e cita alguns nomes (Mangabeira, Nadinho) e alega que, se eles tivessem vivos, teriam “cento e tantos anos”.

**Início:** 03:12 (três minutos e doze segundos)

**Final:** 03:40 (três minutos e quarenta segundos)

**TAG:** “Dinâmica grupal”.

**Comentário:** Agora, Carlos fala a respeito dos franciscanos que fazem parte do grupo. Vale lembrar que, a partir desse momento, descobri a existência de outros grupos de capabodes além do qual ele fazia parte. Segundo o entrevistado, no carnaval de 2019, a decisão dele foi sair de

Pierrot por conta própria. Ele fala também que essa performance era muito presente no carnaval do município.

---

**Início:** 03:42 (três minutos e quarenta e dois segundos)

**Final:** 03:50 (três minutos e cinquenta segundos)

**TAG:** “Antigos carnavais”

**Comentário:** Mais uma vez, o entrevistado fala de alguns aspectos do Carnaval Cultural atual que, na visão dele, são diferentes em relação ao “antigo” carnaval do município.

**Transcrição:** “Antes tinha os bloco; hoje não! Hoje é trio [...] Nunca teve trio! Era só bloco”.

---

**Início:** 05:07 (cinco minutos e sete segundos)

**Final:** 05:18 (cinco minutos e dezoito segundos)

**TAG:** “Carnaval cultural 2018/2019”

**Comentário:** Neste momento, o performers conta um pouco sobre a divertida dinâmica do seu grupo. Este também fala sobre a necessidade que tem de “brincar” no carnaval; e que o grupo foi formado nesse intuito.

**Transcrição:** “É uma coisa antiga, que todo tempo teve aqui, que é uma brincadeira que a gente faz, né? [...] A gente faz uma brincadeira, faz um feijão, uma cervejinha...”

---

**Início:** 07:43 (sete minutos e quarenta e três segundos)

**Final:** 08:10 (oito minutos e dez segundos)

**TAG:** “Capabode e Mandú”

**Comentário:** O performer começa a ter lembranças dos antigos carnavais. Lembra até de quando saía de Mandú